

UMA VISÃO FUNCIONAL DA CONJUNÇÃO *MAS*

Valéria T. Farias de Oliveira (Autora)
Sérgio Menuzzi¹ (Orientador)

Resumo: Os objetivos deste trabalho são os seguintes: (a) refletir sobre as particularidades do articulador textual *mas* e a sua importância dentro do texto; (b) fazer a análise das abordagens desse articulador em dois livros didáticos usados no ensino médio; e (c) propor exercícios que possam contribuir com o trabalho dos professores e auxiliar seus alunos no entendimento desse assunto.

Palavras-chave: Conjunção *mas*; articulador *mas* discursivo-argumentativo; proposta didática; ensino de língua portuguesa.

Introdução

Por meio da análise de dois livros didáticos do ensino médio, percebe-se através deles que o estudo da conjunção *mas* é superficial e deixa lacunas. No estudo em questão, é dada ênfase apenas para uma definição básica das relações semânticas, que serve para a classificação do articulador e das orações. A conjunção *mas* não é mostrada de forma mais abrangente dentro do texto, por exemplo, como articulador ou operador argumentativo. As frases são analisadas isoladamente; os exemplos de uso se limitam aos casos em que a conjunção liga orações que podem ser dependentes ou independentes; e o objetivo, em geral, é classificar as orações ou pela sua função semântica, ou pelo modo de conexão.

O texto não é trabalhado como um conjunto de orações que se articulam entre si tendo um objetivo comunicativo específico. Entretanto, quando estudamos o *mas*, descobrimos, por exemplo, que, além de relacionar orações e períodos, ele também tem papel de coesão dentro do texto como um todo. Isso não é mostrado nas gramáticas e nos livros didáticos; tampouco se busca aprofundar a compreensão de sua função na organização textual. É de fundamental

¹ Professor da 6ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

importância percebermos que o valor coesivo do articulador *mas* vem de seu caráter anafórico, explícito ou implícito.

O presente trabalho tem por objetivo geral discutir as funções do *mas* e o modo como podemos aplicar esse conhecimento no estudo de língua portuguesa na escola. Os objetivos específicos do trabalho são: (a) refletir sobre as particularidades do articulador textual *mas*; (b) analisar dois livros didáticos do ensino médio, buscando verificar como é abordada a conjunção *mas* nos materiais disponíveis às escolas; e (c) criar uma proposta didática dirigida para professores de língua portuguesa, a fim de que possam explorar um pouco mais esse assunto no trabalho com seus alunos.

1. O articulador *mas*

Segundo Bagno, a conjunção adversativa *mas* tem uma “bela história de gramaticalização” (BAGNO, 2011, p. 889). Sua origem é o advérbio latino *magis*, do qual também provém o nosso advérbio *mais*. Aliás, em galego, até hoje se escreve *mais* tanto para a conjunção quanto para o advérbio, assim como ocorria no português medieval.

Ao expressarmos uma ideia x e uma ideia y, se y é contrária a x, ou inesperada a partir de x, temos uma “oposição”, conforme exemplos que seguem:

(a) Estudei muito, *mas* não fui aprovado no concurso.

(b) O homem aproximou-se do microfone, *mas* permaneceu calado.

No exemplo (a), pressupõe-se sucesso do candidato; entretanto, a presença do *mas* iniciando a sequência quebra o resultado esperado, propondo uma conclusão diferente. O mesmo acontece no exemplo (b), em que se espera que o homem fale ao microfone; porém, ele permanece calado, o que é uma ação inesperada.

Embora o significado da conjunção *mas* possa ser caracterizado de modo genérico por uma noção como “oposição” ou “adversidade”, na verdade essa noção cobre um número vasto de significados mais específicos, dependendo do contexto de uso. Por exemplo, como observa Maingueneau,

[o]s lingüistas distinguem habitualmente dois *mas*: um *mas* de “refutação” (cf. em alemão *Sondern* e em espanhol *sino*) e um *mas* de “argumentação” [...] A existência de dois *mas*, refutativo e argumentativo, não deve, entretanto, mascarar suas afinidades pragmáticas. Tanto em um caso como no outro, institui-se um afrontamento entre o locutor e um destinatário (real ou fictício), e não uma simples oposição entre dois enunciados. O *mas* de refutação recusa a legitimidade daquilo que um destinatário disse ou pensou, ou poderia ter dito ou pensado. Já o *mas* argumentativo possibilita a oposição à interpretação argumentativa que um destinatário atribui ou poderia atribuir à proposição P de “P *mas* Q”. São dois interlocutores que se opõem, não dois conteúdos. (1997, p. 165-166, grifos do autor)

O operador argumentativo *mas* pode contrariar o que foi dito anteriormente no sentido de expressar o inesperado, como em (b), ou expressar algo que contraria uma pressuposição, como em (a), ou indicar desigualdade, como em (c) a seguir:

(c) Fui bem no trabalho, *mas* você foi mal.

A identificação de qual dos significados é pertinente dependerá da interpretação das intenções argumentativas de quem faz o enunciado e do contexto no qual o enunciado está inserido.

Embora adquira contextualmente diferentes nuances, o *mas* deve ter um valor próprio subjacente a esses vários usos. Afinal, como Bagno muito bem observa, nem sempre pode ser substituído por outra conjunção adversativa:

É inadmissível, portanto, a prática que ainda se perpetua entre muitos docentes de aconselhar seus alunos a “evitar a repetição de *mas*” e substituir mecanicamente a conjunção adversativa por seus supostos “equivalentes” *porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto...* Não existe equivalência alguma, até porque são palavras de classes gramaticais diferentes. A conjunção *mas* é um instrumento textual-discursivo indispensável. A produção de textos bem construídos não se limita a evitar repetições nem muito menos a substituir mecanicamente determinadas palavras por outras. (2011, p. 892, grifos do autor)

Por exemplo, em (d) a seguir temos um caso em que *mas* não poderia ser substituído por *porém*.

(d) “São poucas as análises da dívida externa dos países latino-americanos que levam em consideração seu impacto sobre a vida das mulheres. *Porém*, são as mulheres trabalhadoras e de baixo poder aquisitivo que sofrem as consequências mais negativas das políticas de ajuste econômico impostas pelos governos devedores e por seus credores [...]” (GIERRING et al., 1999, p. 22).

A multifuncionalidade da conjunção *mas* não deve ser vista somente com relação ao seu conteúdo semântico; também no que diz respeito a sua função coesiva propriamente dita, *mas* serve para relacionar diferentes elementos linguísticos que ocorrem em sucessão. Santos (2003) afirma que o articulador *mas* tem papel importantíssimo dentro do texto porque não se limita a relacionar períodos e parágrafos; sua finalidade coesiva refere-se até mesmo a estruturas implícitas. De modo semelhante, Guimarães (2007, p. 35; ver também Castilho, 2010) observa que normalmente se diz das conjunções que elas ligam orações; isso sem dúvida é verdade, mas a função do articulador *mas* não consiste somente em conectar orações num período. Guimarães (2007) relembra os estudos argumentativos sobre os articulador *mas* realizados por Anscombe e Ducrot (1977 apud GUIMARÃES, 2007), que diferenciam um *mas*-SN de um *mas*-PA em francês. Seguem exemplos:

(a) Ela não era nadadora, *mas* atleta.

(b) Paulo era mais adequado para o cargo, *mas* não foi escolhido.

O *mas*-SN (que corresponde à forma *sondern*, em alemão, e a *sino*, em espanhol) vem depois de oração negativa, sem argumentação, indicando contrariedade. Já o *mas*-PA (que exerce papel semelhante a *pero*, em espanhol, e a *aber*, em alemão) começa a frase e destaca-se por pertencer a enunciado de valor argumentativo que funciona como comentário do anterior. Sendo assim, fica claro que *mas* pode adquirir uma função maior do que simplesmente “conectar” orações, conforme exemplo:

[...] se você não acompanhar a moda, vai ser chamada de cafona. Existe acusação mais grave? Não se assuste. Todo mundo, alguns pouco, outros mais, faz esse tipo de coisa. *Mas*, às vezes, o buraco é mais embaixo. E nós acabamos fazendo coisas que realmente nos machucam só para “pegar bem” com a galera [...]

(LEMOS apud FIORIN; SAVIOLI, 1996, p. 298).

O uso de um *mas*, mais do que ligar orações, sinaliza, em geral, uma *direção argumentativa* contrária àquela que vinha sendo apresentada no texto. Quer dizer, um conector como *mas* é *uma espécie de sinal, de marca*, que vai orientando o interlocutor acerca da direção pretendida pelo autor do texto. (ANTUNES, 2005, p. 144, grifos do autor)

Em resumo, vimos que a conjunção *mas* apresenta, em seu uso, vários aspectos que são pouco explorados seja pela análise gramatical tradicional, seja pelas atividades didáticas que costumam ser desenvolvidas a partir dela. São aspectos importantes para a função textual de *mas*:

- 1) o fato de ter um valor de “oposição” que pode adquirir, contextualmente, vários significados mais específicos – contrariedade ou “correção” ao que foi dito, desigualdade, expectativa ou pressuposição frustradas;
- 2) o fato de que, apesar de adquirir diferentes significados, não coincide necessariamente em valor com outros conectivos “adversativos”;
- 3) o fato de que não conecta apenas orações em um período, ou mesmo períodos entre si – pode ter um papel maior, articulando trechos maiores do texto;
- 4) nestes casos, tende a ser “reorientador” da direção argumentativa do texto.

É claro que tais aspectos devem ser observados se a intenção do trabalho é utilizar a conjunção *mas* como um instrumento para entender o texto ou para melhorar a produção textual dos alunos.

2. Análise do tratamento de *mas* em livros didáticos do ensino médio

Nesta seção, discutiremos como o material didático atualmente disponível para o professor procura trabalhar com a conjunção *mas*. Analisaremos os capítulos correspondentes de dois livros: *Português: Literatura, Gramática, Produção de Texto*, de Leila Lauer Sarmiento e Douglas Tufano, e *Português: Contexto, Interlocução e Sentido*, de Maria Luiza Abaurre, Maria Bernadete Marques Abaurre e Marcela Nogueira Pontara.

Começamos nossa discussão por *Português: Literatura, Gramática, Produção de Texto*. É um livro didático que está dividido em três partes: a primeira trata de literatura, enfatizando a relação entre o contexto histórico e cultural e os movimentos literários; a segunda parte está relacionada às questões de gramática, que são tratadas nos capítulos que vão do vinte e dois até o trinta e oito, com textos verbais e não verbais, o que nos parece favorecer a interpretação e a compreensão dos conteúdos gramaticais; e, por último, a terceira parte é dedicada à produção textual, com o estudo dos gêneros do cotidiano relacionados à gramática. Embora *Português: Literatura, Gramática, Produção de Texto* busque trabalhar leitura e interpretação, gramática e reflexão sobre o uso da língua com ênfase na semântica, os

exercícios sobre as orações coordenadas, por exemplo, apresentam pelo menos um problema: são dirigidos para frases fora do contexto.

Os exercícios que analisamos pertencem ao capítulo trinta e três, que trata das orações coordenadas. Por meio deles, os autores buscam trabalhar interpretação de texto, número de orações, classificação e separação de período; os exercícios de classificação das orações dizem respeito às relações de sentido tradicionais (“aditivas”, “alternativas”, etc.). Entretanto, esses conteúdos não são relacionados entre si; em particular, os exercícios de habilidades gramaticais não se referem ao conteúdo do texto, não explicitam seus aspectos de significado. Por exemplo, consideremos o texto abaixo e o exercício que lhe segue:


<p>Leia o poema a seguir:</p> <p style="text-align: center;">Poesia</p> <p>“Gastei uma hora pensando um verso que a pena não quer escrever. No entanto ele está cá dentro inquieta, vivo. Ele está cá dentro e não quer sair. Mas a poesia deste momento inunda minha vida inteira.”</p> <p style="text-align: right;">ANDRADE, Carlos Drummond de. <i>Sentimento do mundo</i>. São Paulo: Record, 1999.</p>	<p> Agora responda em seu caderno.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 O que o eu lírico nos confessa ou revela nesses versos? 2 Por que aquele momento é de tão forte presença poética para o eu lírico? 3 Retire do texto versos que formam um período composto por coordenação. 4 Quais são as orações coordenadas que possuem conjunções coordenativas, no poema?
---	---

Figura 1: Compreensão
Fonte: Sarmento; Tufano, 2004, p. 283.

Como se vê, as questões 3 e 4 são aquelas que dizem respeito à análise das orações coordenadas e das conjunções coordenativas. Mas nada há no exercício que procure vinculá-lo às questões de compreensão e de interpretação do texto – as questões 1 e 2.

Vejamos agora como o livro *Português: Contexto, Interlocução e Sentido*, de Maria Luiza Abaurre, Maria Bernadete Marques Abaurre e Marcela Nogueira Pontara apresenta os mesmos conteúdos. Tal como o livro anterior, este também possui um capítulo específico, o capítulo dez, que tem como objetivo mostrar os tipos de orações coordenadas, especialmente por meio da classificação tradicional; busca, assim, diferenciar, por exemplo, as orações sindéticas das assindéticas, mas também busca descrever as relações de sentido que as orações coordenadas estabelecem entre si e o modo como as conjunções coordenativas participam da construção da coesão textual.

Nesse livro, a maioria dos exercícios está vinculada a anúncios publicitários, a charges e a tiras de humor em que há algum uso das orações coordenadas. Nota-se um esforço para

trabalhar de uma forma mais abrangente a estrutura sintática, buscando vinculá-la à leitura e à interpretação; mas os exercícios insistem na relação de sentido como o valor da conjunção. Existe no referido capítulo um total de nove exercícios, mas somente dois são sobre o articulador *mas*: um explorando a ideia de “pressuposição” e outro com foco na “construção sintática”. A seguir apresentamos o texto com os exercícios correspondentes:

GRAMÁTICA

Divertida, mas com muito conteúdo.

Confira na edição nº 3 da revista da TV do Sítio

- Entrevista exclusiva com a Narizinho.
- A vida e as invenções de Santos Dumont.
- E muito mais diversão com Teste, Enigma, Pegadinhas do Conselheiro e Cruzadas da Cuca.
- E concorra a uma superviagem! Não Perca!

Guia de programação Net, ano IX, n. 104, out. 2002.

É: “Divertida, mas com muito conteúdo.” Há, nesse período, um pressuposto sobre aquilo que é classificado como divertido. Qual é esse pressuposto?

— O que, do ponto de vista da organização sintática do período, permite identificar esse pressuposto? Justifique.

Figura 2: Pressuposição

Fonte: Abaurre; Abaurre; Pontara, 2008, p. 283.

Como se vê, o exercício procura explorar a oposição entre as orações (elípticas) unidas por *mas* fazendo o aluno buscar o elemento de sentido que as une – o “pressuposto sobre o que é divertido”. Portanto, é um exercício que foca o significado do *mas* e o vincula aos elementos necessários à compreensão do texto. E o exercício sobre a “organização sintática” é justamente um elemento que procura induzir o aluno a perceber que é a conjunção *mas* que, ao relacionar as duas orações, o faz evocando o “pressuposto” mencionado. Portanto, é um exercício que, por meio da compreensão de um aspecto do texto, procura levar o aluno a identificar a conjunção *mas* como o elemento responsável por esse aspecto.

Ainda que o livro de Maria Luiza M. Abaurre e outras procure aproximar o estudo gramatical do estudo do texto, ainda apresenta várias limitações: trabalha as relações de sentido, mas não explora a conjunção como forma de articulação entre diferentes unidades textuais; embora os exercícios utilizem frases do texto e aspectos de sua interpretação, não há uma relação clara entre a análise, a separação e a classificação das orações, com as questões de significado sendo apontadas. Consideremos outro exemplo do mesmo livro:

» Leia a tira abaixo para responder à questão 9.

FRANK & ERNEST Bob Thaves

2000 UNILEVER M&P PRESS

THAVES, BOB. FRANK & ERNEST. JORNAL DA TARDE. SÃO PAULO, 19 MAR. 2005.

9. Poderíamos ler as duas falas da tira como se constituíssem um único período composto por coordenação. Considerando essa possibilidade de organização sintática, que conjunção introduz, no período, a oração coordenada sindética?

► Considerando a possibilidade de organização sintática referida anteriormente, explique de que maneira o tipo de oração coordenada utilizada pelo irmão Ernesto contribui para a construção do humor da tira.

Figura 3: Oração coordenada

Fonte: Abaurre; Abaurre; Pontara, 2008, p. 283.

Pode-se perceber que, embora haja uma tentativa de unir gramática e significado no texto, o exercício em si – bem como a própria exposição do conteúdo gramatical no mesmo capítulo – não fornece informações suficientes para que o aluno tire as conclusões necessárias. Em suma, vê-se que o livro de Maria Luiza Abaurre e outras oferece uma tentativa de trabalhar as conjunções no texto, mas ainda de modo pouco sistemático. As limitações do estudo oferecido pelo livro aparecem de outro modo: embora traga exercícios sobre o valor semântico das conjunções e a classificação das orações, e mesmo exercícios que procuram vincular as duas coisas, ainda assim não há exercícios que busquem a prática linguística com esses conteúdos – não há exercícios que trabalhem a união de frases isoladas em um período único, ou a correção ou a reescrita de um período mal formulado, ou a reescrita com a substituição de conjunções, por exemplo.

Em resumo, parece-nos que a obra de Maria Luiza Abaurre e outras oferece um tratamento superior ao oferecido pelo livro de Sarmento e Tufano. Ambos os livros têm em comum o ponto de partida: a classificação das orações coordenadas e das conjunções coordenativas em termos das relações de sentido tradicionais; ambos os livros tentam associar o estudo de tal conteúdo gramatical ao texto. Mas as propostas de Sarmento e Tufano não conseguem, de fato, unir esses dois aspectos. Já no livro de Maria Luiza Abaurre e outras, as atividades conseguem uma melhor aproximação entre conteúdo gramatical e compreensão de aspectos do texto. Mas procuramos apontar para o fato de que se trata de um trabalho superficial, que não leva a um estudo mais aprofundado das conjunções – incluindo nelas o articulador *mas* – e de suas funções: as conjunções são trabalhadas de modo quase acidental,

sem uma tentativa de comparar diferentes usos, de perceber diferentes possibilidades de construção, etc.

Em resumo, nossa opinião é a de que o material didático, para obter sucesso no apoio ao trabalho do professor, deve conter material suficientemente rico para que o aluno perceba dois aspectos no uso das conjunções – por exemplo, do articulador *mas*: (a) que constituem uma rede de opções de construção e de sentido; e (b) que as escolhas nessa rede de opções estão relacionadas a elementos de compreensão do texto, como por exemplo seus pressupostos, sua orientação argumentativa, etc.

3. Proposta de exercícios

Devido à dificuldade que os alunos possuem em reconhecer a função das conjunções dentro do texto e à falta de material didático apropriado, constatamos a importância de se trabalhar a linguística textual com os estudantes a partir de uma série de exercícios que os levem a perceber o funcionamento do articulador em estudo dentro de diferentes textos e de diferentes situações.

A proposta que apresentamos é baseada em atividades relacionadas com textos de gêneros diversos, retirados de jornais e revistas, e está dividida em atividades de compreensão de texto, que levam o aluno a refletir e a chegar a uma ideia geral do texto, e também em atividades dirigidas ao uso de *mas*. A proposta foi elaborada para alunos do terceiro ano do ensino médio.

Atividade 1:

I - Leia o texto abaixo e responda ao que se pede.

Guardião do chocolate

A Surucucu pico-de-jaca, uma das serpentes mais peçonhentas das Américas, está ameaçada de extinção. Pode parecer uma boa notícia para muita gente, a cobra é um perigo, não é bem assim. Apesar do forte veneno, a surucucu é responsável por deixar nossa vida

mais doce: ela é considerada a guardiã do cacau produzido no sul da Bahia. A região é a maior produtora da fruta no Brasil, oferecendo solo e clima perfeitos para a planta. O paraíso do cacau sofre com uma grave ameaça: a proliferação dos ratos-do-cacau, que se alimentam das frutas e folhas do cacauzeiro, devastando as plantações. A grande heroína da história é a surucucu, principal predadora do roedor. O desmatamento das florestas naturais do sul da Bahia, habitat da serpente, tem representado uma grande ameaça à sua sobrevivência. Em consequência, as plantações de cacau e o chocolate também correm riscos.

(Revista Horizonte Geográfico, ano 22, n. 125, p. 15, out. 2009)

II - Exercícios de compreensão do texto.

- 1) Explique a expressão: “[...] a surucucu é responsável por deixar nossa vida mais doce...”
- 2) Conforme o texto, há a existência de um problema, que possui uma causa e uma consequência. Qual é o problema, qual a causa dele e qual a consequência?
- 3) Qual a preocupação, segundo o texto, com a ausência da Surucucu pico-de-jaca?
- 4) Faça um resumo da notícia.

III - Exercícios sobre o uso da conjunção *mas*.

- 5) Existem algumas proposições que estão desconexas no texto pela ausência de um articulador *mas*. Quais são elas?
- 6) Reescreva-as colocando o articulador na posição que você julgar adequada.
- 7) Procure explicar por que a presença do articulador *mas* é necessária nos casos apontados isto é, procure dizer por que ideia, sem a presença do *mas*, as frases parecem desconexas.

Atividade 2:

Leia os textos abaixo, assinalando as ocorrências da conjunção *mas*. Depois, indique: (a) em que casos *mas* articula a oração que introduz com uma ideia *explícita* do texto (isto é, em que casos *mas* expressa uma oposição com uma oração ou período precedente); e (b) em que casos *mas* articula sua oração com uma ideia *implícita* (isto é, expressa uma oposição

com uma ideia não expressa diretamente por nenhuma oração ou nenhum período precedente).

Mais do que chuvas tropicais

A localização da Jamaica privilegia a ilha com um clima tropical que é um dos grandes atrativos para os turistas, mas também a coloca na rota de muitos furacões. Principalmente entre os meses de setembro e novembro, já que correntes de ar se deslocam entre a costa oeste da África e o continente americano possibilitando a frequente ocorrência desses fenômenos. Em geral, trata-se de pequenos furacões que não causam estragos, mas nem sempre é assim: em 2007, por exemplo, o furacão Dean devastou algumas cidades da pequena ilha.

(Revista Horizonte Geográfico, ano 23, n. 129, p. 79, jun. 2010)



Coisa de macho

Pode parecer estranho, mas esses 13 ovos de ema não são da mesma fêmea. O que faz com que estejam todos reunidos no mesmo ninho é o pai em comum. Isso porque a espécie é poligâmica e um mesmo macho pode ter de três a seis fêmeas. Mas é dele a responsabilidade de montar o ninho – que chega a 2 metros de diâmetro – e de chocar os ovos, postos pelas suas diferentes parceiras. O modo incomum de a maior ave brasileira originar sua prole mereceu o registro feito pelo fotógrafo Dante Buzzetti, publicado no livro *Berços da Vida: Ninho de Aves Brasileiras* (Editora Terceiro Nome: 2008)

(Revista Horizonte Geográfico, ano 22, n. 125, p. 82, out. 2009)

Sem intrigas

Muita gente estranhou o fato de o ministro do Desenvolvimento, Fernando Pimentel, não ter se sentado no palco ao lado de Dilma no lançamento do último pacote de medidas anticrise. Ficou na plateia. Mas o motivo foi simples: Pimentel chegou atrasado à cerimônia.

(Revista Isto É, n. 2.225, p. 32, jul. 2012)

O importante ainda é competir

Os Jogos Olímpicos foram abertos ontem com grande festa. O momento marcante foi no final, com o acendimento da pira. Nos próximos dias, o ouro é objeto de desejo, mas sabemos que a maioria dos milhares de atletas que estão em Londres foram para lá para competir.

(Diário de Canoas, n. 6.049, 28 jul. 2012)

Obs.: Para realizar a tarefa acima devemos observar os casos em que o *mas* aparece nos textos, com ideia contrária ao que foi dito anteriormente, ou casos de *mas* pressupondo algo que não aparece no texto.

Atividade 3:

Leia o texto abaixo, elaborado por Clara Stefanello Sakis, de Porto Alegre. O texto foi um dos campeões do concurso REDAÇÃO ZH 2011.

Transformadores de palavras em sentimentos

Diante da pergunta “Quem é um herói para você?”, são vários os que encontram a resposta imersa nas histórias de um bom livro. Apesar de serem, em sua maioria, fictícios, os personagens de livros são uma inspiração heroica para muita gente. É preciso, entretanto, dar-se conta de que os verdadeiros heróis ultrapassam a ficção e, mesmo assim, abrigam-se entre as páginas dos livros: são os escritores.

A verdade é que todo tipo de personagem pode ser encontrado em boas tramas. Há vilões, criaturas fantásticas e também cidadãos comuns. Entre essa gama diversificada de personalidades, sempre se destacam os “heróis”. São aqueles preenchidos de boas intenções e

coragem, e é geralmente com eles que os leitores identificam-se. Há, entretanto, um equívoco nessa identificação.

Esses personagens são, de fato, dignos de reconhecimento, mas aqueles que realmente deveriam ser admirados são seus criadores. Muitas vezes não se dá o devido valor aos escritores. As pessoas adoram os personagens, deliciam-se com o enredo, mas não percebem que o herói não é a invenção, e sim o inventor. São os escritores que realizam o excelentíssimo trabalho da criação, não só para si próprios, mas em benefício também dos leitores. Durante a leitura, somos conduzidos por um guia invisível, que nos expõe seu mundo e suas ideias de boa vontade, abrindo as portas para um mundo onde a lei é uma imaginação. Como é possível que nos emocionemos simplesmente com tinta e papel? É incrível – e heroica – a capacidade que os escritores têm para transformar palavras em sentimentos reais e concretos.

As histórias nos livros podem ser fictícias ou pouco fantasiosas, mas seus inventores são pessoas reais e comuns. São eles, portanto, os verdadeiros merecedores do título não só de heróis, como também de inspiradores da sociedade.

(Zero Hora, Caderno Vestibular, 04.07.2012, p. 3)

I - Leitura e compreensão do texto.

- 1) Qual o assunto tratado no texto?
- 2) Que declaração é feita no segundo parágrafo?
- 3) Sintetize o texto retirando somente a ideia central de cada parágrafo.
- 4) De que forma a autora reafirma, no último parágrafo, o que foi discutido no texto?
- 5) No primeiro parágrafo a autora apresenta um argumento como incontestável e verdadeiro, pois faz uso de uma expressão no modo indicativo. Qual é essa expressão?
- 6) “[...] *não só para si próprios*”. Essa expressão tem redundância? Explique com suas palavras.

II - Aspectos de linguagem: uso da conjunção *mas*.

- 1) No primeiro parágrafo a autora apresenta um argumento como incontestável e verdadeiro, pois faz uso de uma expressão no modo indicativo. Qual é essa expressão?

- 2) “[...], e sim o inventor.” Substitua o nexos *e* por outro de sentido equivalente no contexto. Explique qual é a ideia que ambos os nexos podem expressar neste contexto.
- 3) Que ideias estão se opondo para justificar a presença do articulador *mas* na linha 9?
- 4) Se no último parágrafo tirássemos o articulador *mas* o sentido do período seria alterado? Por quê?

Atividade 4:

Leia o texto abaixo e responda ao que se pede.

Administre prazos

Construir uma estrutura para o texto e praticar a leitura e a escrita são estratégias eficazes, *mas* que tomam certo tempo. Por isso, nada como a aproximação do dia ou horário de entrega de um texto para soltar as amarras que o impediam de fluir. Sérgio Rizzo diz que muitos de seus melhores textos foram produzidos próximos ao *deadline*, como se sua criatividade funcionasse melhor. A compositora Zélia Duncan não gosta de trabalhar sob pressão, ou seja, perto do prazo, *mas* confessa que eventualmente é ele que a desbloqueia para começar uma letra.

– Eu demorei muito para começar a fazer a letra de *Inclémência*, pois era algo sério, uma melodia do maestro Guerra Peixe. Protelei durante meses, até que me deram uma prensa. Sentei e fiz a letra em meia hora. É uma das parcerias minhas de que mais gosto e tenho orgulho – conta.

Mas, no fim, Zélia conclui que as dificuldades para começar a escrever são ossos do ofício.

– Creio que todos, em algum momento, se sentem um pouco sem saída, *mas isso* está implícito no ofício de escrever, compor, seja lá o que for. O pintor diante de uma tela, quantas vezes não desistiu? *Mas* se fosse fácil, não seria tão profundo e qualquer um faria.

Fazer de tal modo que só você seria capaz é, no fundo, o desafio e o principal medo a ser vencido.

(Revista Língua, ano 5, número 68, jun. 2011, p. 39)

I - Leitura e compreensão de texto.

- 1) Identifique o assunto tratado no texto.
- 2) No texto existe uma comparação. Que tipo de comparação é feita e quem a fez?
- 3) Para escrever um texto, é realmente necessário que o escritor tenha “esforço de criação e organização”? Todo tipo de texto escrito exige isso? Argumente sobre essa questão.

II - Aspectos de linguagem: uso da conjunção *mas*.

- 4) Justifique a presença do articulador *mas* e a sua função nas seguintes proposições do texto:
 - a) “[...] *mas* confessa que eventualmente é ele que a desbloqueia para começar uma letra”.
 - b) “*Mas*, no fim, Zélia conclui que as dificuldades para começar a escrever são ossos do ofício.”
- 5) Na proposição “[...] *Mas* se fosse fácil [...]”, o que está implícito nessa oração? Isto é, qual é a ideia a proposição introduzida por *Mas* se opõe?

Considerações finais

Como procuramos mostrar, o articulador *mas*, em seus vários aspectos de significado – por exemplo, seus valores de contrariedade, desigualdade, de expressão do inesperado, de oposição a uma pressuposição, nos permite um maior entendimento do papel de tal elemento no texto. Por isso, este tipo de estudo é necessário para que se evite um estudo “meramente gramatical” dessa e de outras conjunções.

Reduzir o estudo da conjunção *mas* ao objetivo de fazer o aluno classificá-la como uma “conjunção adversativa” e, a partir disso, classificar o período como “composto por coordenação”, empobrece demasiadamente o conjunto de atividades que podem ser desenvolvidas a partir do objetivo de “estudar as conjunções”. Consequentemente, empobrece demasiadamente o conjunto de conhecimentos e de capacidades que podem ser desenvolvidos a partir do estudo das conjunções. Por isso, faz-se necessário estudar o *mas*, bem como as demais conjunções, dentro de seus contextos de uso – dentro de textos – e sob o ponto de vista de suas várias propriedades de significado e de construção. Somente assim o aluno perceberá sua finalidade “coesiva” e a importância desse papel para a boa organização textual. Apenas

assim, por exemplo, é possível enfatizar o papel de articulador ou de operador argumentativo que *mas* pode adquirir em certos textos e contextos.

Por meio da análise que fizemos das atividades propostas por livros didáticos do ensino médio, procuramos mostrar que o estudo dessa conjunção, tal como sugerimos neste trabalho, é pouco explorado; mais que isso, os dois livros analisados apresentam problemas tanto na exposição da análise gramatical quanto nas atividades didáticas – especialmente, procuramos mostrar que os exercícios desses livros encontram-se desvinculados das atividades de leitura e de compreensão dos textos. Os exercícios “gramaticais” são dirigidos para a classificação de frases fora do seu contexto de uso, para a separação de períodos em orações, etc. Os aspectos de significado que caracterizam as conjunções dentro do texto não têm importância, os conteúdos de “gramática” e de “leitura e compreensão” não são relacionados. Problemas similares podem ser apontados na discussão apresentada nas gramáticas normativas, em que o uso das conjunções é descrito de maneira sucinta, sem preocupação em explorar detalhadamente seus significados, seus problemas de uso (por exemplo, quando *mas* não é equivalente a outras conjunções adversativas) ou, ainda, seu papel textual (por exemplo, o caráter de articulador argumentativo de *mas*). Dessa forma, ainda que o estudo de *mas* e de outras conjunções seja um dos conteúdos gramaticais mais detalhados das gramáticas e dos livros didáticos, os alunos não adquirem consciência do papel que esses instrumentos gramaticais exercem na coesão textual nem conseguem tirar proveito desse estudo para melhorar sua capacidade de leitura de texto e de redação.

Considerando tais dificuldades, procuramos mostrar, por meio do conjunto de atividades que propusemos, como os professores de língua portuguesa podem contemplar o estudo do articulador *mas*, buscando resultados mais efetivos: é preciso tomar o texto como ponto de partida para o ensino das várias funções que essa conjunção pode exercer, além de explorar um pouco mais questões vinculadas às propriedades e aos problemas de construção que ela pode apresentar.

Referências

ABAURRE, Maria Luiza; ABAURRE, Maria Bernadete Marques; PONTARA, Marcela Nogueira. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

ADMINISTRE prazos. **Revista Língua**, ano 5, n. 68, p. 39, jun. 2011.

ANTUNES, Irlandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

CASTILHO, Ataliba T.de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

COISA de macho. **Revista Horizonte Geográfico**, ano 22, n. 125, p. 82, out. 2009.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1996.

GIERRING, Maria Eduarda et al. **Análise e produção de textos**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

GUARDIÃ do chocolate. **Revista Horizonte Geográfico**, ano 22, n. 125, p. 15, out. 2009.

GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1997.

MAIS do que chuvas tropicais. **Revista Horizonte Geográfico**, ano 23, n. 129, p. 79, jun. 2010.

O IMPORTANTE ainda é competir. **Diário de Canoas**, Canoas, 28 jul. 2012.

SAKIS, Clara Stefanello. Transformadores de palavras em sentimentos. **Zero Hora**, Porto Alegre, 04 jul. 2012. Caderno Vestibular.

SANTOS, Leonor Werneck dos. **Articulação textual na literatura infantil e juvenil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática, produção de texto**. São Paulo: Moderna, 2004.

SEM intrigas. **Revista Isto É**, São Paulo, n. 2225, jul. 2012.